

**QUINTUS CUM DOMINO LIBER IOCATUR:
A DISPOSIÇÃO E O ARRANJO DOS EPIGRAMAS
NO LIVRO V DE MARCIAL**

Robson Tadeu Cesila*

* Professor de Língua e Literatura Latina. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. robson.cesila@yahoo.com.br

RESUMO: A arquitetura interna de um livro de poesia, isto é, o arranjo ou disposição dos poemas em seu interior, pode afetar a interpretação tanto do poema individualmente quanto do conjunto de que ele faz parte (o livro). No caso da obra de Marcial, cujos volumes de epigramas se revelam cuidadosamente estruturados, esse aspecto não pode ser ignorado, sob pena de se perderem importantes sentidos que podem surgir da inter-relação entre os poemas de cada livro. No presente artigo, descrevemos como estão arranjados os epigramas no interior do Livro V, bem como os possíveis efeitos de leitura gerados por tal disposição.

PALAVRAS-CHAVE: Marcial; epigrama; Livro V; livro de poesia; disposição dos epigramas no livro.

QUINTUS CUM DOMINO LIBER IOCATUR: *DISPOSITION AND ARRANGEMENT OF THE EPIGRAMS IN MARTIAL'S BOOK 5*

ABSTRACT: The internal architecture of a poetry book, that is, the arrangement or disposition of the poems within it, can affect the interpretation of both the poem individually and the set of which it is a part (the book). In the case of Martial's work, whose epigram books are carefully organized, this aspect should not be ignored; otherwise important meanings that may arise from the interrelationship between the poems of each book will be lost. In this paper, I describe how the epigrams are arranged within the Book 5, as well as the possible reading effects generated by such an arrangement.

KEYWORDS: Martial; epigram; Book 5; book of poetry; book's arrangement.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os estudos de K. Barwick e H. Berends nos anos 1930¹ foram os primeiros a tratar efetivamente de uma faceta até então muito pouco explorada da obra de Marcial: a arquitetura de seus livros de epigramas, ou seja, a forma planejada e cuidadosa com que os poemas estariam dispostos e arranjados no interior dos volumes (Fusi, 2006, p. 62, n. 65).² Apesar do mérito do pioneirismo, esses estudos iniciais foram frequentemente acusados de exagero ao identificarem, com alto grau de subjetividade (além daquele admitido em análises desse tipo), complexas e artificiosas relações entre quase todos os poemas do livro que dificilmente seriam percebidas por qualquer leitor, como se o que movesse o poeta fosse, nas palavras de Citroni (1975, p. xxviii), “um cuidado pedante em buscar difíceis equilíbrios na quantidade de versos, na escolha do metro, no tom, mesmo entre epigramas muito distanciados dentro do livro”,³ “um gosto, com fim em si mesmo, pela correspondência numérica subterrânea” (p. xxix).⁴ Ainda segundo o classicista italiano, as análises de Barwick e de Berends estariam empenhadas em “identificar correspondências e simetrias”, mas raramente pareciam interessadas “no significado artístico dos procedimentos examinados” (p. xxviii, n. 6).⁵

Porém, uma vez aberta a senda desse tipo de estudos, outras análises foram sendo produzidas no decorrer do século passado e nas duas primeiras décadas do século XXI, seja em artigos e monografias,⁶ seja nas introduções aos comentários dedicados a livros individuais

¹ Barwick, K. Zur Kompositionstechnik und Erklärung Martials. *Philologus*, 87, p. 63-79, 1932; Berends, H. *Die Anordnung in Martials Gedichtbüchern I-XII*. Diss., Jena, 1932. De Barwick, há também *Zyklen bei Martial und in den kleinen Gedichten des Catull*. *Philologus*, 102, p. 284-318, 1958.

² Fusi ressalva, porém, que já havia apontamentos sobre o tema em E. Pertsch, *De Valerio Martiale Graecorum poetarum imitatore*. Diss., Berlin, 1911, p. 58-68.

³ “(...) una cura pedantesca nel cercare difficili equilibri nel numero dei versi, nella scelta del metro, nel tono, anche tra epigr. molto distanziati nel libro (...)”.

⁴ “(...) un gusto fine a se stesso per le corrispondenze numeriche sotteranee”.

⁵ “Il Berends si sente impegnato a individuare corrispondenze e simmetrie, ma non sembra interessato quasi per nulla al significato artistico dei procedimenti che esamina”. A crítica de Citroni, no passo que acabamos de reproduzir, é especificamente a Berends, mas se aplica também, pelo contexto, a Barwick.

⁶ Para ficarmos apenas nos exemplos mais recentes: Sullivan, J. P. *Martial: the unexpected classic: a literary and historical study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 217-221; Merli, E. Ordinamento degli Epigrammi e strategie cortigiane negli esordi dei libri I-XII di Marziale. *Maia*, 45, p. 229-256, 1993; Fowler, D. P. Martial and the Book. *Ramus*, 24, p. 31-58, 1995; Lorenz, S. Whaterscape with black and white: epigrams, cycles, and webs in Martial's *Epigrammaton liber quartus*. *American Journal of Philology*, 125, p. 255-278, 2004; Moreno Soldevila, R. Reflexiones en torno a la disposición del libro de Epigramas: el caso del libro IV de Marcial. In Iso, J. J. (coord.), *Hominem Pagina nostra sapit: Marcial, 1900 años después. Estudios. XIX centenario de la muerte de Marco Valerio Marcial*. Saragoça, p. 157-178, 2004; Scherf, I. *Epigramma longum* and the arrangement of Martial's book. In Morelli, A. M. (org.). *Epigramma longum da Marziale alla tarda antichità*. Atti dei Convegno internazionale. Tomo 1. Cassino, p. 195-216, 2006.

de Marcial.⁷ A maior parte dessas análises é, felizmente, mais equilibrada, sem graves excessos ou construções de correspondências mirabolantes, além de mais preocupada com os efeitos de sentido derivados de determinados arranjos das composições dentro dos livros.

No que diz respeito ao tema no âmbito do Livro V, por exemplo, há que se destacar as observações de P. Howell na introdução à sua edição comentada e traduzida desse livro,⁸ mas determinadas análises e conclusões presentes nas introduções e comentários das edições de outros livros também podem ser úteis, dado que os procedimentos de arranjo dos poemas no interior dos volumes vão se repetindo ao longo da obra de Marcial, apesar de particularidades eventualmente verificáveis em algumas das recolhas.

Com base nas contribuições desses analistas que nos precederam, incluindo muitos daqueles listados nas notas 6 e 7, apresentaremos, na sequência, a nossa própria descrição da estrutura e organização interna do Livro V. Entendemos que uma justa apreciação estética desse livro – e de qualquer livro de Marcial – não pode descurar do exame desse aspecto aparentemente secundário que é a relação entre as peças que o compõem, relação essa estabelecida pela posição dessas “partes” no “todo” que é o livro. Dizendo de outra forma, a posição que um epigrama individual ocupa no conjunto do livro é parte de sua significação, e levar esse elemento hermenêutico em consideração, ainda que seja, ao fim e ao cabo, uma escolha que cabe a cada leitor e a cada analista fazer ou não, pode acrescentar novas e interessantes camadas de sentido à interpretação dos poemas, dos livros de poemas e, até mesmo, da obra do poeta como um todo.⁹

⁷ Cito, pela ordem do livro comentado, apenas as edições efetivamente consultadas: Coleman, K. *Martial: Liber Spectaculorum*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. xxxiii-xlv; Leary, T. J. *Martial. Book XIII: The Xenia*. Londres: Duckworth, 2001, p. 10-11, e *Martial. Book XIV: The Apophoreta*. Londres: Duckworth, 1996, p. 13-21; Citroni, M. M. *Valerii Martialis Epigrammaton Liber Primus*. Florença: La Nuova Italia, 1975, p. xxvi-xxxviii; Williams, C. A. *Martial. Epigrams. Book Two*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 10-11; Fusì, A. M. *Valerii Martialis. Epigrammaton liber tertius*. Hildesheim, Zurique, Nova York: Georg Olms, 2006, p. 62-71; Moreno Soldevila, R. *Martial. Book IV. A Commentary*. Leiden, Boston: Brill, 2006, p. 11-20; Howell, P. *Martial. The Epigrams Book V*. Oxford: Aris & Phillips, 1995, p. 7-8; Galán Vioque, G. *Martial. Book VII: a Commentary*. Leiden, Boston, Colônia: Brill, 2002, p. 9-12; Henriksen, C. *Martial Book IX: a Commentary*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1998, v. 1, p. 15-20; Kay, N. M. *Martial Book XI: a Commentary*. Londres: Duckworth, 1985, p. 5-6.

⁸ Cf. dados completos na nota anterior. Infelizmente ainda não tivemos acesso ao estudo de A. Canobbio sobre o longo ciclo do Livro V com epigramas relativos à lei que prescrevia regras para a ocupação dos lugares no teatro (*La Lex Roscia Theatralis e Marziale: il ciclo del libro V*. Introduzione, edizione critica, traduzione e commento. Como: New Press, 2002).

⁹ Tomamos como pressuposto, evidentemente, que foi o próprio Marcial quem organizou seus livros da forma como eles se nos apresentam hoje, pois todo o nosso esforço interpretativo, neste e em trabalhos futuros, intenta (e intentará) demonstrar a habilidade artística do epigramatista na disposição das peças no interior dos volumes, bem como os efeitos retórico-poéticos visados com esses procedimentos. Não adentraremos aqui a questão da história da transmissão do texto do poeta, o que demandaria um longo estudo que não cabe nos limites deste trabalho. Para todos os efeitos (já que nas próprias edições modernas há algumas diferenças – poucas, na verdade – na ordenação

2. BREVE DESCRIÇÃO DO LIVRO V

Antes do exame propriamente dito da arquitetura interna do livro em questão, façamos, como é praxe em estudos desse tipo, uma descrição sumária do volume, abordando suas vertentes temáticas, seus objetivos, seus dedicatários e suas eventuais particularidades; a apresentação preliminar de tais elementos tornará mais clara a posterior exposição do arranjo do livro e dos efeitos de sentido dele derivados.

Publicado provavelmente em dezembro do ano 90 d.C., o Livro V, se considerarmos o seu número de epigramas (84), constitui o segundo mais curto dentre os 12 volumes de temática variada de Marcial, só sendo maior que o Livro VIII (82 poemas). Quanto ao número total de versos (648), compartilha com o Livro III a terceira posição entre os mais curtos, sendo maior apenas que o II e o V.

A figura dominante do volume é a do imperador Domiciano, que é homenageado ou mencionado expressamente em 12 epigramas (de um total de 84): 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 15, 19, 23, 49 e 65. A lista aumenta se incluirmos, como cremos ser o certo a se fazer, as referências indiretas, como aquelas representadas pelas invectivas contra indivíduos que, não sendo da ordem equestre, tentavam se sentar nos lugares do teatro reservados aos cavaleiros, desrespeitando a lei, recentemente reposta em vigor pelo *princeps*, que reservava à referida classe as 14 primeiras fileiras de assentos nos teatros, logo atrás da orquestra, onde se sentavam os senadores.¹⁰ São oito invectivas desse tipo (8, 14, 23, 25, 27, 35, 38 e 41), embora, como se pode notar, os epigramas 8 e 23, por citarem direta e expressamente o *princeps*, já tenham sido inseridos na primeira lista acima exposta.¹¹ Além disso, estão relacionados indiretamente a Domiciano também os poemas 10, 11 e 12, uma vez que dedicados a importantes personagens ligados à corte imperial. E, por fim, há que se acrescentar à lista o poema 31, que, a exemplo do 65, trata de espetáculos que teriam sido promovidos por ocasião do triunfo celebrado pelo *princeps* após a sua vitória sobre os dácios de Decébalos em 89 d.C. Em suma, tem-se um total de 22 peças relacionadas ao soberano (1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 19, 23, 25, 27, 31, 35, 38, 41, 49 e 65), o que representa 27% do Livro V, uma cifra que o coloca atrás apenas dos Livros VIII e IX (35% e 30%, respectivamente) no que tange à presença da figura imperial.¹²

Para sermos exatos, um substancial crescimento da quantidade de epigramas ligados a Domiciano já se verificara na passagem do Livro III para o IV, quando há uma guinada

e numeração dos epigramas, sobretudo no Livro XII), estamos sempre nos baseando no texto da edição da Loeb, preparado por Shackleton Bailey (1993).

¹⁰ Trata-se da *Lex Roscia Theatralis*.

¹¹ Aliás, o epigrama 8, por abrir a série temática citando explicitamente o imperador, contribui para que possamos inferir a sua presença, ainda que velada, nos demais poemas do ciclo. É importante enfatizar a importância do tema da referida lei no Livro V, em que as invectivas nela baseadas constituem uma das principais vertentes temáticas.

¹² Para uma lista completa dos poemas ligados a Domiciano e aos demais imperadores em cada livro de Marcial, ver Cesila (2017, p. 185).

política na obra de Marcial, a qual vai se materializar na intensificação dos louvores, que passarão a ser mais específicos e diretos, com a evidente preocupação de exaltar em detalhes as vitórias militares e as medidas econômicas, morais e religiosas do soberano. Porém, o que diferencia o Livro V em relação aos até então publicados é o fato de ser ele o primeiro volume dedicado explícita e formalmente ao imperador (o outro, mais tarde, será o Livro VIII).

Tal dedicatória vem já no epigrama de abertura (1), em que o poeta se dirige ao imperador e declara que lhe está enviando o volume (cf. *mittimus*, v. 7), o qual pede humildemente que aceite. Segue uma segunda dedicatória (2), desta vez às “matronas, crianças e virgens” (*matronae, puerisque uirginesque*), ou seja, aos leitores castos e pudicos, já que o presente livro, diz o autor, será diferente dos quatro volumes anteriores, sem as malícias e obscenidades que os caracterizavam. Por isso mesmo, pode ser lido pelo próprio César sem se escandalizar e em presença de sua deusa de predileção, a respeitosa e virgem Minerva. Nota-se, pois, que o verdadeiro destinatário do epigrama 2 é de novo Domiciano, *princeps* que, desde 85 d.C., quando assumira o cargo de censor, vinha promovendo um programa de moralização dos costumes e revalorização da religião romana¹³ (ainda que ele próprio, a se crer em Suetônio, não seguisse tais diretrizes em sua vida particular¹⁴). Com efeito, o Livro V será desprovido de qualquer licenciosidade, seja na matéria, seja na elocução (algo que se repetirá mais tarde, no Livro VIII, em cujo prefácio Marcial se dirigirá novamente ao César).

Os epigramas satíricos, no Livro V, chegam a 56% do volume (47 epigramas, de 84), mas, pelas razões anteriormente expostas, não empregam imagens e vocábulos “obscenos”, mesmo quando o alvo – mulheres bêbadas e efeminados, por exemplo – favoreceriam esse tipo de elocução, como ocorre em outros livros. Marcial parece ter inclusive escolhido a dedo os próprios alvos da invectiva nos epigramas desse livro, desprivilegiando aqueles relacionados a comportamentos que, para ele, constituíam vícios ou desvios sexuais.

Outro elemento que perpassa todo o Livro V são as Saturnais, razão pela qual se presume que o mês de 90 d.C. em que o volume veio a público foi dezembro. Há referências a essas festividades, seja nominalmente, seja pela alusão ao mês em que ocorriam, aos divertimentos que a caracterizavam ou ao costume da troca de presentes, nos seguintes epigramas ou passagens: 16, 18, 19, 30, 49.8-10, 52, 59, 68, 80, 81 e 84. Destaquemos o poema 30, no qual Marcial declara que o tipo de literatura que pratica – a poesia ligeira, o epigrama – é o mais adequado a essa festiva e despreocupada época do ano. Evidentemente, o caráter liberal, jocosos e não sério das Saturnais, que em outros livros será desculpa e licença para a inclusão de epigramas obscenamente compostos, subordina-se aqui ao objetivo maior do livro que é celebrar respeitosa e o imperador, seu governo e sua época.

¹³ Cf. Suetônio, *Dom.*, 8.3-5.

¹⁴ Cf. *Dom.*, 22.

3. O ARRANJO DOS POEMAS DENTRO DO LIVRO V

3.1. O IMPERADOR E AS POSIÇÕES INICIAIS

Os poemas iniciais, num livro, são aqueles de maior destaque e visibilidade. Como observa Howell (1995, p. 7), a porção inicial do livro era a parte lida com mais atenção, além de ser aquela com maiores chances de ser examinada até pelo leitor casual, aquele que eventualmente tomasse o livro desinteressadamente, para “dar uma olhada”.¹⁵ Conte (1986, p. 70) já chamara também a atenção para o fato de que a abertura de uma obra é mais facilmente memorável e, conseqüentemente, mais “citável”.¹⁶ Portanto, tal porção da obra é a mais adequada tanto para atos de homenagem (tais como as dedicatórias do livro ou as peças de encômio de qualquer outra natureza), como também para a exposição de programas poéticos, dois elementos que, por razões internas e externas à obra, convêm sempre ser enfatizados na arquitetura do livro. Ainda que tais elementos possam ser igualmente destacados se posicionados no final do volume ou mesmo em determinadas posições no meio dele, os efeitos de ênfase são inferiores aos que são proporcionados pelas posições iniciais.¹⁷

No caso do Livro V, pode-se dizer que, dos 15 primeiros epigramas, 12 estão relacionados ao imperador Domiciano e à sua corte, o que reforça, pela posição enfática desses poemas no volume, o protagonismo, que já mencionamos acima, da figura imperial nesse livro. Vejamos:

- V.1. Dedicatória do livro a Domiciano.
- V.2. Dedicatória do livro às matronas, crianças e virgens, desaconselhando-o, ao mesmo tempo, ao leitor que se deleita com epigramas mais descarados e provocantes, a quem convém a leitura dos quatro livrinhos anteriores (I-IV). O imperador poderá ler o presente livro, sem corar, diante de sua deusa padroeira, a respeitável e virgem Minerva.
- V.3. Marcial celebra a submissão do rei dácio Decébalos a Domiciano após as campanhas romanas na Dácia, em 88-89 d.C. (na verdade, tratava-se de uma trégua acordada por ambas as partes). O irmão do rei dácio, Dégis, veio a Roma para selar o acordo e supostamente reconhecer a supremacia romana.
- V.4. Invectiva contra a bêbada Mírtale, que procura disfarçar o hálito de vinho mascando folhas de louro.

¹⁵ Deveria contribuir para esse fato o próprio formato de livro que predominava à época, o *uolumen* ou livro-rolô, que oferecia ao leitor, em comparação com a formato *codex*, maior dificuldade na passagem de uma parte à outra da obra: a folha que compunha o livro ia sendo desenrolada à medida que se lia, devendo a parte já examinada ser novamente enrolada para que se pudesse acessar, desenrolando-a, a nova porção a ser lida. Tal particularidade, acreditamos, conferiria ainda mais importância para as partes iniciais da obra, fisicamente mais acessíveis.

¹⁶ “(...) the opening of a work boasts a supreme position in composition because it is particularly memorable and *quotable* (...)” (grifo do autor).

¹⁷ Note-se que a delimitação do que seria “porção inicial”, “porção final” etc. traz, naturalmente, certa dose de subjetividade, podendo variar a depender dos fenômenos a serem demonstrados e da própria extensão do livro examinado. Não se trata, pois, de intervalos estanques e predeterminados.

- V.5. O poeta pede a Sexto, liberto que exercia as funções de secretário e bibliotecário do imperador, que encontre lugar para seus livros na biblioteca imperial, mas não na honrosa vizinhança – que eles não merecem – do sublime poema épico de autoria do imperador (sobre a batalha entre as tropas de Vespasiano e de Vitélio no Capitólio em 69 d.C.), e sim no humilde lugar ao lado dos modelos epigramáticos do poeta, Catulo, Marso e Pedão.
- V.6. Marcial encarrega as Musas de pedirem a Partênio, outro liberto influente na corte de Domiciano, que introduza o Livro V no palácio e o apresente ao imperador, que já é leitor e apreciador da obra do epigramatista.
- V.7. Celebração das construções e embelezamentos levados a cabo pelo *princeps* em Roma após os diversos incêndios que tinham assolado a cidade, sobretudo o mais recente, de 80 d.C.
- V.8. Inectiva contra Fâsis, falso cavaleiro que se senta numa das fileiras reservadas à classe equestre e, para disfarçar (mas sem sucesso), se põe a elogiar em altas vozes a recente lei de Domiciano que determinava essa reserva.
- V.9. Inectiva contra o médico Símaco, que, chamado a examinar o poeta adoentado, levava consigo uma turma de aprendizes, os quais pioraram a saúde do paciente ao apalpá-lo com suas mãos geladas.
- V.10. Dirigindo-se a seu patrono Marco Aquílio Régulo, poderoso aristocrata que enriqueceu sob Nero e sob Domiciano, o poeta lamenta o hábito, motivado pela inveja, de sempre se preferirem os antigos aos novos, e de só se valorizarem os talentos dos artistas e poetas já falecidos, em detrimento dos vivos.
- V.11. Por meio do elogio das pedras preciosas de um anel de Lúcio Arrúncio Estela, edil e pretor responsável por organizar as celebrações de dois triunfos do imperador, o poeta exalta, a um só tempo, a riqueza e o talento poético desse seu patrono.
- V.12. Novo elogio da mesma joia.
- V.13. Inectiva contra o rico Calístrato, a quem o poeta, pobre, se contrapõe: qualquer um pode ser rico, mas aquilo que Marcial é – um poeta lido e conhecido em todo o mundo por causa de seus livros de epigramas – o invectivado jamais poderá ser.
- V.14. Inectiva contra Naneio, outro que tenta a todo o custo, e por meio de várias estratégias, se assentar ilegalmente nos locais do teatro reservados aos cavaleiros.
- V.15. Simulando uma conversa com o próprio imperador, a quem chama *Augustus*, o poeta se gaba de a ninguém ter jamais ofendido em seus epigramas, mas, ao contrário, ter concedido a muitos, através de seus encômios, uma fama imortal, ainda que bem pouca retribuição tenha recebido por isso além do próprio prazer em compor os versos.¹⁸

¹⁸ A partir do epigrama 15, as outras 10 peças relacionadas a Domiciano tornam-se mais esparsas e distanciadas: 19, 23, 25, 27, 31, 35, 38, 41, 49 e 65. Percebe-se, pois, que mais da metade dos epigramas ligados ao *princeps* ocorre acumulada no início do livro (1-15). Além disso, a maior parte dos 10 poemas situados após o epigrama 15 traz apenas referências indiretas ao imperador, o que certamente esvazia sua importância como peças de homenagem. É o caso de 25, 27, 31, 35, 38 e 41 (na sequência 1-15, apenas 10, 11, 12 e 14 não trazem referências diretas a Domiciano).

Para uma melhor visualização, observem-se os epigramas na lista a seguir, em que aqueles relacionados ao *princeps* aparecem em destaque: **1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15**. Somente três poemas – 4, 9 e 13, todos, coincidentemente, invectivos – quebram a série. A inserção dessas três peças não relacionados ao imperador obedece, de certa forma, a um princípio muito caro a Marcial, que é o da *uariatio*, isto é, a variação – de tema, metro, extensão, elocução, finalidade *etc.* – com o propósito de evitar que a leitura se torne cansativa e maçante em razão de sequências repetitivas.¹⁹ Assim, equilibram-se, na porção inicial do livro, os princípios da repetição e da variação: se, por um lado se acumulam e se repetem, nessas enfáticas posições iniciais, 12 peças relacionadas ao César, por outro lado busca-se amenizar os possíveis efeitos de uma leitura fastidiosa pela injeção estratégica de epigramas com outro teor e finalidade.

Pode-se, porém, identificar a preocupação com a *uariatio* mesmo na série “cesarina”, em que os poemas, apesar do elemento comum (a referência à figura imperial), não o trabalham da mesma forma: 1 e 2 são dedicatórias diretas do livro ao imperador; 5 e 6, dedicatórias do livro por meio de intermediários (Sexto e Partênio, respectivamente); 3 e 7 se revestem de um tom mais adulatório, o primeiro para exaltar as façanhas militares do soberano, o segundo, as suas “façanhas” arquitetônicas; 8 e 14 constroem o encômio por meio da invectiva a indivíduos que desrespeitavam a legislação imperial sobre os lugares no teatro; 10, 11 e 12, dirigidos a figuras de relevo na corte de Domiciano (Régulo no primeiro e Estela nos outros dois), acabam por se referir a ele apenas de forma indireta. O epigrama 15 fecha a série de forma impactante, com a simulação de uma conversa familiar entre o poeta e o imperador a respeito de questões metapoéticas. Além disso, nesse último epigrama, Marcial volta a se dirigir diretamente ao *princeps*, em segunda pessoa, como fizera no poema de abertura (1) e em 3, embora, em cada uma dessas ocorrências, o título com que se lhe dirige varie: *Caesar* (1), *Germanicus*²⁰ (3) e *Augustus* (15).²¹

Nota-se também certa variação quanto ao metro empregado em alguns pares de poemas da sequência: 1 e 2 se assemelham por serem dedicatórias diretas, mas diferem no metro (dísticos elegíacos no primeiro, hendecassílabos falécios no segundo); a mesma observação vale para 5 e 6, as dedicatórias do livro por meio de intermediários; 8 e 14, sobre os lugares no teatro, empregam, respectivamente, hendecassílabo falécio e trímetro iâmbico escazonte; 11 e 12, os dois poemas sobre as joias de Estela, são compostos em dísticos elegíacos e em hendecassílabos falécios, respectivamente.

Nos primeiros nove epigramas, aliás, a alternância entre um epigrama em dísticos elegíacos e um epigrama em outro metro é seguida à risca. Observe-se na lista a seguir, em

¹⁹ Sobre esse princípio, cf. o prefácio do Livro VIII, ll. 1-10.

²⁰ Título que assumira após a vitória sobre o povo germânico dos Catos, em 82-83 d.C. (cf. II.2).

²¹ Em outras duas ocasiões, no livro, o poeta se dirigirá ao *princeps* em segunda pessoa: 19 e 65. Assim, como aponta Howell (1995, p. 7), os 5 epigramas em que isso ocorre (1, 3, 15, 19 e 65) estão espalhados pelo volume, intercalados com peças em que o imperador é referido em terceira pessoa (2, 5, 6, 7, 8, 23 e 49).

que marcamos com negrito os epigramas em hendecassílabos falécios, e em itálico aquele composto em escazontes: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Pode-se dizer, tomando-se como base a identidade métrica, que o epigrama 1 espelha o 5 (ambos dedicam o livro e estão compostos em dísticos elegíacos), e que o 2 espelha o 6 (novamente dedicatórios, mas agora em hendecassílabos falécios). A mesma observação se aplica a 3 e a 7, ambos em metro elegíaco e consagrados ao louvor de feitos bélicos e arquetônicos do *princeps*.

3.2. O CICLO SOBRE OS LUGARES RESERVADOS NO TEATRO

Notemos inicialmente, quanto a esse ciclo que invectiva os indivíduos que tentavam ocupar, ilegalmente, as 14 primeiras fileiras do teatro reservadas aos cavaleiros (8, 14, 23, 25, 27, 35, 38 e 41), que o poeta toma o cuidado de apresentar didaticamente, no primeiro epigrama da série (8), a “ementa” da referida lei reposta em vigor por Domiciano (vv. 1-4); além disso, expõe a seguir (vv. 7-9) os seus efeitos benéficos para a classe equestre. Isso certamente tornaria mais fácil ao leitor a compreensão, depois, dos outros sete epigramas do ciclo:²²

V.8

*Edictum domini dei que nostri,
quo subsellia certiora fiunt
et puros eques ordines recepit,
dum laudat modo Phasis in teatro,
Phasis purpureis ruber lacernis, 5
et iactat tumido superbus ore:
“Tandem commodius licet sedere,
nunc est reddita dignitas equestris;
turba non premimur, nec inquinamur” –
haec et talia dum refert supinus, 10
illas purpureas et adrogantes
iussit surgere Leitus lacernas.*

**O edito de nosso senhor, nosso deus,
que assentos reserva na cávea, ao equestre
devolvendo, livres, as suas fileiras,
Fásis exaltava, há bem pouco, no teatro,
envolto, brilhante, em purpúrea lacerna, 5
gabando-se, altivo, num tom arrogante:
“Podemos, enfim, nos sentar com decência:
devolveu-se já a dignidade ao equestre;
não mais nos aperta nem suja o povão.”**

²² Diferentemente de nossa prática habitual, empregamos aqui um hendecassílabo com acentuação fixa na 5ª, 8ª e 11ª sílabas para verter o hendecassílabo falécio latino (costumamos usar decassílabo com 6ª e 10ª sílabas fortes, nesses casos).

Enquanto isto diz, de nariz empinado,
logo essa purpúrea lacerna arrogante
Leito manda desses lugares se erguer.

10

Seguindo o mesmo princípio da *uariatio*, os oito epigramas da série não ocorrem em sequência, mas separados entre si por peças com diferentes temáticas e finalidades. Ainda que concentrados na primeira metade do livro (e não venham mais a ocorrer a partir de então), a sua diluição num intervalo de 34 poemas garante a variação necessária, que é reforçada pelo uso de diferentes metros: o epigrama 8 é composto em hendecassílabos falécios; 14, 35 e 41 em trímetros iâmbicos escazontes; 23, 25, 27 e 38 em dísticos elegíacos.

Além disso, em cada epigrama do ciclo o alvo recebe um nome diferente: Fásis (8), Naneio (14), Basso (23), Queréstrato (25), Euclides (35), Caliodoro (38) e Dídimo (41).²³ Isso talvez se explique pelo fato de que os personagens, embora satirizados pelo mesmo motivo, têm uma construção cuidadosa, diferenciada, que os individualiza nas suas características e estratégias para burlar a lei: o descarado Fásis, para disfarçar que não é cavaleiro, se põe a louvar a própria lei que o condena; Naneio procura se ocultar sentando-se entre dois cidadãos equestres; Basso tenta parecer cavaleiro pelas vestes; Euclides lista a plenos pulmões todos os bens e rendas que alega possuir, tentando simular a posse do censo equestre, 400 mil sestércios; Caliodoro tem só metade desse censo, pois tem de dividi-lo com um irmão, de forma que nenhum dos dois é, de fato, cavaleiro. Queréstrato e Dídimo são casos especiais. O primeiro, mais do que alvo da crítica, é construído antes como vítima da ingratidão e avareza de seus patronos, que não lhe proporcionam condições financeiras para adentrar a ordem equestre (a crítica é, pois, mais a estes últimos do que àquele). Já em Dídimo o poeta parece mais interessado em criticar o jeito efeminado do que uma possível ausência do estatuto de cavaleiro.

A obsessão do poeta com o tema da lei dos lugares no teatro (além do Livro V, temos referência a ela também em III.95.9-10 e VI.9) não se deve apenas à necessidade de celebrar as medidas administrativas do imperador, mas atende também a razões pessoais: o próprio Marcial integrava o *ordo equestris*, após ter recebido de Domiciano o título honorífico de *tribunum militum*, que garantia ao seu recebedor o ingresso nessa ordem mesmo que não possuísse, como era o caso do epigramatista, o patrimônio de 400 mil sestércios necessário para tanto.²⁴ Assim, as invectivas contra os “espertinhos” que tentavam burlar a lei abrigam também certo orgulho do próprio poeta por pertencer a uma determinada categoria social, bem como a satisfação por ver seus privilégios de “classe” finalmente respeitados. Não sem razão, como apontou Howell (1995, p. 8), o segundo epigrama do ciclo (14), que ataca Naneio,

²³ Em 27 o alvo não é nomeado, talvez por problemas na transmissão do texto, em que pode ter sido perdido um dístico (cf. Shackleton Bailey, 1993, v. 1, p. 380-381, nota b). O nome grego de quase todos os indivíduos (exceção feita a Naneio e a Basso) pode indicar a origem servil dos personagens, que seriam libertos (cf. notas 45, 140 e 176 de Pimentel, 2000, v. 2).

²⁴ Cf. Hornblower e Spawforth (eds.), 1999, p. 551, s.u. “*equites*”.

foi colocado imediatamente depois do poema invectivo contra o rico liberto Calístrato (13), em cujo dístico inicial o poeta se mostra extremamente orgulhoso por ser um *eques*:

*Sum, fateor, semperque fui, Callistrate, pauper,
sed non obscurus nec male notus eques*

Sou pobre e sempre fui, reconheço, Calístrato,
mas não um **cavaleiro** obscuro e infame

Assim, a disposição do par de poemas cria um interessante efeito de leitura: logo após afirmar, em 13, seu orgulho por ser um cavaleiro, o poeta ataca em 14 aqueles que não respeitam os “direitos” inerentes à ordem dos cavaleiros, no caso, o privilégio de se sentar nas primeiras fileiras do teatro.²⁵

3.3. OS METAPOEMAS

Os poemas que falam da própria poesia ou, de maneira geral, da própria literatura, são um grupo bastante amplo na obra de Marcial e ocorrem espalhados ao longo de todos os seus livros; porém, desse grupo, aqueles que fazem a dedicatória dos livros e os que abordam questões programáticas mais específicas – acerca do gênero epigramático ou das opções estéticas consideradas pelo autor como essenciais em sua poética – costumam ocupar lugares de destaque, seja no começo, no fim ou mesmo no meio dos volumes.

No caso do Livro V, nota-se, num primeiro momento, a referida diluição dos metapoemas ao longo de todo o volume: 1, 2, 5, 6, 10, 13, 15, 16, 18, 25, 26, 30, 33, 36, 53, 56, 60, 63, 73 e 80. Porém, as posições de alguns deles merecem ser comentadas.

Já analisamos anteriormente os epigramas que dedicam o volume ao imperador, seja diretamente (1 e 2), seja por meio de intermediários que deverão franquear ao livro o acesso ao palácio imperial (5 e 6);²⁶ todos, observe-se, estão posicionados na abertura da recolha. Quanto ao seu conteúdo metapoético, se os poemas 1 e 6 não apresentam reflexões muito significativas sobre poesia, o mesmo não se pode dizer de 2 e 5: o primeiro justifica a ausência de matéria e elocução licenciosas no presente livro, invocando a sublime onipresença, nessa obra, do respeitável e moralizador *princeps*, a quem o livro é dedicado; o segundo filia a estética de Marcial à de seus modelos epigramáticos (Catulo, Marso e Pedão), contrapondo-a, por conseguinte, à elevação e ambição literária do gênero épico representado por Virgílio. Essas duas declarações de poética contidas no par de poemas iniciais se inter-relacionam e se complementam, como se o poeta asseverasse: o fato de este livro não conter os costumeiros epigramas maliciosos e desbragados a que o leitor está habituado (V.2) não faz com que

²⁵ Alguns epigramas depois, em V.17, o poeta volta a mencionar seu estatuto de *eques*: Gélia, aparentemente uma aristocrata, recusa se relacionar com o poeta por ser ele um mero cavaleiro, mas acaba por se casar com um homem de condição inferior à dele.

²⁶ Apenas ressalvemos que, no caso do epigrama 5, o pedido de acesso é feito em favor dos “livrinhos”, no plural (cf. *nostris... libellis*, v. 5), e não, especificamente, em favor do livrinho ora apresentado, o Livro V. Este último, porém, não deixa de estar incluído naquele plural.

ele deixe de ser poesia epigramática e possa ser classificado nos gêneros elevados (V.5); ao contrário, ele continua sendo um livro de epigramas, como a poesia de Catulo, Marso e Pedão (V.5). A ausência do elemento licencioso tem outra razão: o respeito ao dedicatário maior da obra, Domiciano (V.2).²⁷

O epigrama 80 parece responder ao 5 (ambos estão, coincidentemente, a uma mesma distância dos extremos do livro – quatro poemas – e ambos têm finalidade dedicatória). Em V.80, o poeta envia o Livro V a Severo e a Segundo,²⁸ pedindo-lhes que o leiam e o avaliem, corrigindo suas falhas. Assim como em V.5 os livrinhos não mereciam a vizinhança, nas estantes do palácio, do grande Virgílio e da grande epopeia escrita pelo próprio *princeps*, também aqui o livro de epigramas é qualificado como algo menor, insignificante (cf. *nugas*, v. 3), cuja leitura será penosa para Severo e para Segundo.

Vê-se, pois, que a dedicatória do livro ao par de amigáveis críticos é posicionada no fim da recolha, outra posição, como já dito, enfática. Assim, todos os dedicatários do Livro V até aqui apontados – Domiciano, Sexto, Partênio, Severo e Segundo – são mencionados ou no começo do livro, ou no seu final.²⁹

Outra peça programática cuja posição ainda pode ser considerada enfática, no início do livro, é o epigrama 15, sobre o qual já tecemos antes algumas considerações. A ele está relacionado o epigrama 16, não sem razão posicionado logo na sequência (Howell, 1995, p. 8). Vejamos.

Em V.15, Marcial se gaba de nunca ter ofendido ninguém com sua poesia (já que não menciona nomes reais em seus poemas de invectiva), um princípio que defende, aliás, desde o prefácio do Livro I.³⁰ É a importância desse princípio, sobretudo num livro dedicado ao imperador, que faz com que ele seja expresso em poema enfaticamente posicionado no começo do livro (e fechando a série “cesarina” 1-15).³¹ No mesmo epigrama, o poeta se gaba também, agora fazendo referência à sua poesia de encômio, de ter immortalizado o nome de muitas pessoas que louvou e celebrou em seus versos.³² Reconhece, porém, que

²⁷ Dois outros epigramas do “miolo” do livro podem ser lidos à luz dessa questão do confronto de gêneros. Em V.30, Marcial dedica o seu livro ao poeta Varrão, que cultivava, entre outras modalidades, o gênero trágico. O livro, enviado como presente de Saturnais, é leitura mais adequada, diz o epigramatista ao amigo, à quadra do ano em que se encontram, marcada pela liberdade, diversão, leveza, ausência de pretensão, diferentemente do tipo de poesia praticado por Varrão, que é grave, séria, pesada, não condizente, portanto, com os festejos de Saturno. Mais à frente, no epigrama 53, o epigramatista critica Basso, um poeta que, sem grande inspiração e talento, se dedica à tragédia. Em vez de Medeia, Tiestes, Níobe e Andrômaca, o tema mais adequado para os poemas de Basso seriam, segundo Marcial, Deucalião e Faetonte, o que insinua os destinos a serem dados a livros contendo poesia de tão má qualidade (a água e o fogo, respectivamente).

²⁸ Talvez Plínio, o Jovem, cujo nome completo era *Caius Plinius Caecilius Secundus*.

²⁹ A única exceção será o poeta Varrão, dedicatário do livro em epigrama mencionado na nota anterior.

³⁰ I, pref., ll. 1-10. O mesmo vai expresso em III.99; V.15; VII.12 e 72; IX.95b; X.3, 5 e 33.

³¹ Lembre-se de que uma das medidas de moralização dos costumes implementadas por Domiciano fora justamente a punição dos autores de libelos difamatórios (cf. Suetônio, *Dom.*, 8).

³² O mesmo poder de immortalização de sua poesia será de novo referido em V.25.5-12, V.36 e V.60.

esses epigramas de louvor de nada lhe servem, pois pouca retribuição material lhe advém daqueles a quem exaltou. Sua única paga, diz (não sem uma boa dose de ironia), é o prazer que experimenta ao escrevê-los. O tema é retomado no epigrama seguinte, em que o poeta principia afirmando ser por causa da admiração do amigo leitor (*lector amice*, v. 2) que ele se abstém de atividades mais rentáveis – como a advocacia – para se dedicar ao tipo de poesia ligeira que pratica. Mas ao final se corrige, afirmando que nem os antigos viviam apenas de louvor, pois recebiam de seus patronos valiosas prendas e recompensas. Em suma, os dois epigramas (15 e 16), posicionados lado a lado e tratando da mesma questão metapoética, convidam à sua leitura conjunta e à percepção de suas inter-relações.

3.4. PARES DE EPIGRAMAS CONTÍGUOS³³

Além dos metapoemas que acabamos de analisar (15 e 16), vários epigramas do Livro V com outros temas que não a própria poesia também surgem arranjados em sequência, aos pares, convidando o leitor, devido a essa contiguidade, a relacioná-los entre si durante a leitura.³⁴

V.18 E 19³⁵

Em V.18, o epigramatista justifica a seu patrono Quinciano o nada lhe ter mandado como presente durante as Saturnais, exceto alguns livrinhos de epigramas (note-se o tom autodepreciativo: os livrinhos não contam efetivamente como presentes). Segundo o poeta, os mimos dos clientes enviados aos amigos ricos são como anzóis, pois, como era esperado que se apresentasse consoante as próprias posses, o patrono deveria retribuir com algo de maior valor. Assim, a conclusão é lógica: o poeta está sendo “liberal” e generoso com Quinciano, já que, ao nada lhe enviar, o está poupando de gastar com caros presentes de retribuição.³⁶ O epigrama seguinte, V.19, dirigido a Domiciano, celebra a grandeza de Roma, mas condena um vício que, segundo o epigramatista, é cada vez mais comum na sociedade em que vivem: a ingratidão e a avareza dos patronos ricos. Assim, a posição dos dois poemas do par, colocados lado a lado no livro, chama a atenção para a dupla crítica que objetivam fazer: primeiro, aos clientes (18); depois, aos patronos (19). Os dois polos da relação de clientela são alvejados em sequência, ambos, além disso, tendo como pano de fundo as festividades das Saturnais e a troca de presentes que as caracterizava.

³³ Usamos aqui “contíguo” apenas com o significado de “lado a lado”. A ressalva se faz necessária porque o termo pode remeter também, segundo os dicionários, à ideia mais geral de proximidade ou vizinhança, sem que os elementos estejam, necessariamente, lado a lado.

³⁴ Omitimos da lista a seguir os pares 11 e 12 (sobre um anel de Estela) e 13 e 14, já analisados nas seções anteriores deste artigo.

³⁵ Exemplo colhido em Howell (1995, p. 8), ao qual apomos observações nossas.

³⁶ Mais tarde, em V.59, será usado esse mesmo raciocínio para justificar o não envio de caros presentes a Estela. Marcial parece ter tomado o cuidado de separar, no arranjo do livro, epigramas tão semelhantes, favorecendo, nesse caso, a *uariatio*.

V.64 E 65³⁷

Em V.64, epigrama filosófico de ambientação convivial, o poeta estimula os escanções Calisto e Álcimo e os convivas de um banquete a aproveitarem o momento presente, pois o Mausoléu da família dos Flávios, visível a partir da sala do banquete em que se encontram, os adverte de que a morte chega para todos, até mesmo para os deuses (em referência, aqui, a Vespasiano e a Tito, pai e irmão, respectivamente, de Domiciano, e divinizados após a morte). No epigrama seguinte, V.65, o poeta exalta espetáculos que Domiciano promovera na arena do Coliseu e, para tanto, afirma serem superiores aos feitos de Hércules. Assim, conclui, se o herói grego, por suas façanhas, fora divinizado após a morte, Domiciano também o será. Mas – se apressa em acrescentar o poeta – só dali a muito tempo. Em outras palavras, Marcial deseja vida longa ao imperador, o que equivale a dizer que este vai demorar muito a se juntar ao irmão e ao pai no Mausoléu da família citado no epigrama anterior.

V.78 E 79

O longo epigrama 78, situado já bem perto do fim da recolha, é construído na forma de um convite para jantar dirigido a Torânio, amigo a quem mais tarde o poeta dedicará um livro inteiro (o IX). Depois de listar ao amigo os modestos alimentos que serão servidos, e de classificar o jantar como moderado e sem luxo, o epigramatista lembra, contudo, que o que realmente importa é o clima de amizade, cumplicidade e serenidade que presidirá esse agradável encontro: nada de mentiras, falsas demonstrações de apreço, simulações; além disso, Marcial não lerá um enfadonho livro de poesia, como faziam muitos anfitriões, nem haverá dançarinas sensuais perturbando, com suas danças excitantes, a paz dos convidados; apenas um jovem tocando sua agradável flauta, bem como companhias femininas bem escolhidas. Esse comportamento franco, educado e altruísta apresentado pelo “anfitrião” Marcial pode ser contrastado com o do prepotente e vaidoso Zoilo do epigrama seguinte (79), que, a pretexto de cuidados com a saúde, se põe a trocar a túnica de jantar (a *synthesis*) várias vezes durante a *cena*, a fim de impressionar os pobres convidados com a abundância de seu guarda-roupa e ostentar, ridiculamente, a sua condição de liberto enriquecido. A contiguidade dos dois epigramas estimula essa comparação entre as posturas dos dois modelos de anfitrião. Pode-se pensar ainda que o leitor habitual de Marcial se recordaria de outros epigramas já publicados atacando o novo-rico Zoilo e sua lamentável preocupação em ostentar riqueza, sobretudo o célebre e longo poema III.82, que expõe os seus reprováveis e ridículos comportamentos à mesa, comparando-o, ao final, ao Trimalquião petroniano.³⁸ Para esse leitor, então, o retrato do personagem Zoilo, que é relativamente econômico em V.79, seria mais completo e mais complexo, intensificando o confronto com a postura do anfitrião de V.78.

³⁷ Outro exemplo de Howell (1995, p. 8), ao qual apomos observações nossas.

³⁸ Outros exemplos seriam II.16, 58 e 81 (talvez também II.19 e IV.77). Cf. também XI.37, publicado mais tarde.

3.5. PARES DE EPIGRAMAS PRÓXIMOS, MAS NÃO CONTÍGUOS³⁹

V.20 E 22

O poema exortativo V.20, em que o poeta convida o amigo Júlio Marcial a aproveitar o momento presente, lista as atividades prazerosas em que ambos empregariam o seu tempo livre, caso o tivessem, bem como aquelas, insuportáveis, que certamente evitariam. Dentre estas últimas, destaca a incômoda tarefa de estar todas as manhãs no átrio da casa de seus patronos para saudá-los (a *salutatio*). Em V.22, o epigramatista alveja um patrono de nome Paulo, a quem, para saudar, o poeta precisa enfrentar um caminho íngreme e cansativo, e a quem nunca encontra em casa, pois sempre já saiu, mais cedo (Paulo, conquanto patrono de Marcial, é cliente de patronos mais poderosos, a quem tem igualmente de levar a *salutatio* matinal). Nesse caso, os epigramas não são contíguos, já que estão separados por outro de diferente temática (21), mas, ainda assim, são próximos o suficiente para que o leitor perceba a sua relação. Observe-se também que se trata, no par em questão, de um epigrama filosófico e de homenagem (20) relacionado a um de tipo invectivo (22). E que 20 e 22 se ligam de alguma forma ao par 18 e 19 (cf. 3.4), também eles centrados nas relações de clientela, ainda que focando em outra de suas facetas, a troca de presentes.

V.34 E 37

Trata-se de dois epigramas fúnebres e de tema comum: o lamento pela morte de uma pequena escrava do poeta, de nome Erócion, morta antes de completar os seis anos de idade. O poeta dispõe os poemas em posições relativamente próximas, mas evita a total contiguidade por meio da inserção de duas peças com diferente temática (35, sobre a lei acerca dos lugares no teatro, e 36, contra um patrono ingrato). Com efeito, dois epigramas, em sequência, filiados ao mesmo subtipo (fúnebre) e sobre a mesma pessoa falecida, deveriam parecer repetitivos. Mas essa separação espacial do par apenas reforça uma *uariatio* que já é buscada internamente, na composição das duas peças. Enquanto V.34 busca simular as fórmulas do epigrama sepulcral convencional, terminando, no último dístico, com o tradicional pedido para que a terra não pese sobre a menina ali sepultada (*nec illi, terra, grauis fueris*, vv. 9-10), V.37 é construído desde o início como um longo elogio das características físicas e morais da menina, elogio esse baseado em uma série de comparações com elementos sublimes da natureza. Não à toa, o primeiro epigrama tem 10 versos, extensão mais consoante à tradição do epigrama sepulcral, enquanto o segundo possui mais que o dobro, 24 versos.

Outra diferença: enquanto V.34 é epigrama sério, sentido, triste e permeado de um *páthos* respeitoso que até faz o leitor se esquecer da baixa estatura social da figura homenageada, V.37, por outro lado, apesar de começar igualmente grave e lamentoso, descamba repentinamente para uma invectiva sarcástica contra um indivíduo que repreendera o poeta por estar a lamentar a morte de uma criatura tão insignificante quanto uma pequena escrava. Peto, esse indivíduo, lembra que ele próprio perdera a esposa recentemente (uma

³⁹ Ver nota 33.

mulher famosa, suntuosa, nobre e rica, não uma reles escravinha) e, nem por isso, desesperara e deixara de gostar da vida. O poeta, com fina ironia, elogia a firmeza de espírito e a coragem de Peto, que recebeu da esposa uma herança de 20 milhões de sestércios e, nem por isso, deixou de amar a vida. Assim, se em V.34 Erócion é considerada parte da família, quase uma filha, em V.37 Peto maldosamente a rebaixa à sua condição social real, de escrava, apontando a inadequação dos sentimentos do poeta, que, conseqüentemente, lhe dirige suas farpas.

Note-se, por fim, que uma terceira diferença importante entre os dois epigramas é o metro: o primeiro é composto em dísticos elegíacos; o segundo, em trímetros iâmbicos escazontes. Poder-se-ia mesmo dizer que o leitor atento, ao terminar a leitura da parte séria de V.37 (que vai até o verso 17) e perceber que se tratava de mais um poema sobre a morte de Erócion, estranharia o fato de um epigrama fúnebre ter sido composto em escazontes, metro que, em Marcial, segundo Wolff (2008, p. 97), é quase sempre empregado para a invectiva satírica; o leitor passaria então, talvez, a desconfiar de que o epigrama não terminaria sério tal como começara.

3.6. POSIÇÕES MEDIAIS DE DESTAQUE

Certas posições no meio do volume podem ser exploradas, no arranjo dos poemas, para efeitos de ênfase, seja o *locus* que representa a metade exata, matemática, do livro, sejam os *loci* que lhe ficam próximos.

No Livro V, o epigrama 42 pode ter sido posicionado exatamente na metade do livro (há o mesmo número de epigramas – 41 – antes e depois dele) por abordar um tema que é um dos mais importantes na obra de Marcial: a amizade. Com efeito, o poema, dirigido a um “tu” genérico (o que confere à mensagem filosófica um caráter universal), defende que somente os bens que são dados aos amigos permanecem na posse de quem os deu, ao passo que aqueles que se prefere guardar, acumular ou reinvestir podem sofrer as vicissitudes do destino:

V.42

*Callidus effracta nummos fur auferet arca,
 prosternet patrios impia flamma lares:
 debitor usuram pariter sortemque negabit,
 non reddet sterilis semina iacta seges:
 dispensatorem fallax spoliabit amica,
 mercibus extractas obruet unda rates.
 Extra fortunam est quidquid donatur amicis:
 quas dederis, solas semper habebis opes.*

Vai furtar de tua arca a prata hábil ladrão,
 e ímpia chama arrasar teu lar paterno;
 negará o devedor o principal e os juros,
 vai roubar-te as sementes sítio estéril;
 teu tesoureiro amante astuta vai pilhar,

e o mar tragar teus barcos carregados.
Salvo do Acaso está o que aos amigos se dá:
só terás para sempre os bens que deres.⁴⁰

3.7. AS POSIÇÕES FINAIS

Em geral, a porção final dos livros de Marcial apresenta novamente alguns epigramas consagrados a patronos e a amigos, muitas vezes recomendando-lhes, numa espécie de dedicatória tardia, o livro em questão. Também são frequentes, nessa posição, poemas que fazem referência à própria poesia, sejam os de finalidade dedicatória que acabamos de mencionar, sejam os que tecem reflexões mais específicas sobre gênero poético, opções estéticas e filiação a modelos.

No caso do Livro V, destacam-se, na porção final, dois epigramas de que já tratamos: 78, o convite para jantar dirigido ao amigo Torânio, e 80, uma dedicatória do livro a Severo e a Segundo. Pode-se acrescentar ainda o dístico homoerótico dirigido ao escravo Díndimo, penúltimo da coleção (83). E, apesar de estar já um pouco afastado do fim do volume, poder-se-ia dizer que ocupa uma posição final de destaque o epigrama dirigido a Faustino (71). O mesmo talvez não se possa dizer de 65, o último da série consagrada ao imperador. Causa espécie, aliás, que o derradeiro poema dedicado ao soberano venha tão cedo na coleção, a mais de 20 poemas distante do fim, quando a praxe, na maioria dos outros livros de temas diversos publicados sob esse *princeps*, seja a colocação de tais peças muito mais perto do efetivo final dos volumes.⁴¹

3.8. AS SATURNAIS E AS POSIÇÕES FINAIS

Como já informado anteriormente, há no livro ao menos 11 epigramas relacionados, direta ou indiretamente, às Saturnais (16, 18, 19, 30, 49.8-10, 52, 59, 68, 80, 81 e 84), muitos deles já comentados nos tópicos anteriores em razão dos outros tipos de inter-relações em que estão envolvidos.

A série “saturnal” culmina com três epigramas posicionados no final do volume (80, 81 e 84), dos quais os epigramas 80 e 84 merecem algumas considerações, dados os efeitos de sentido que a sua leitura pode encetar.

⁴⁰ Empregamos na tradução dodecassílabos com acentuação fixa na 6ª e 12ª sílabas (para os hexâmetros) e decassílabos com acentuação fixa na 6ª, 8ª e 10 sílabas (para os pentâmetros).

⁴¹ Cf. II.92 (penúltimo); III.95 (a cinco poemas do fim); VI.91 (a três poemas do fim); VIII.99 (último); VIII.82 (último); IX.101 (antepenúltimo). O que mais se aproxima do Livro V é o IV (cf. IV.74, situado a 15 poemas do fim). O caso do Livro I, em que o último poema ligado a César (I.104) está situado 14 epigramas antes do fim, precisa ser relativizado, dada a longa extensão desse volume (118 epigramas), o que torna aceitável uma noção de “porção final” do livro alargada até o 104. Deixamos de fora dessas estatísticas os livros X e XI, publicados – no caso do Livro X, a sua segunda edição – após a morte e a derrocada da memória de Domiciano, o que alterou, naturalmente, a composição desses volumes, dos quais teriam sido retirados os encômios ao *princeps* assassinado, sem, contudo, ter sido acrescentado um número equivalente consagrado aos novos soberanos.

V.80, como mencionado, é uma derradeira dedicatória do volume a Severo e a Segundo, que deverão avaliar e corrigir os epigramas que o compõem, apresentados pelo próprio autor como “ninharias”, “bagatelas” poéticas (*nugae*, v. 3). O par de leitores-críticos reluta em aceitar a tarefa, pois não quer, ao se ocupar dela, acabar por “perder as suas férias” (*perdere ferias*, v. 4), referindo-se ao período do ano em que se encontram, o das festividades Saturnais, em que se suspendiam as atividades cívicas (julgamentos, deliberações e declarações de guerra), as aulas, as tarefas agrárias, parte do comércio *etc.*

Quanto ao epigrama V.84, ao mesmo tempo em que representa o fim do livro (por ser o último do volume), descreve o fim do período das Saturnais, lamentado pelas crianças, que devem voltar às aulas (vv. 1-2), e pelos praticantes de jogos de azar, tolerados somente durante essas festividades (vv. 3-5). É como se o Livro V representasse, no seu todo, os cinco ou sete dias da festa⁴² (materializados nas várias referências a ela ao longo da recolha: 16, 18, 19, 30, 49.8-10, 52, 59, 68, 80, 81), que, agora, chegam ao fim, no último poema do volume. O procedimento, porém, não é inédito, já que Marcial o utilizara também no encerramento de *Apophoreta*, quando, no epigrama 223, o último da coletânea, faz referência ao retorno dos meninos às atividades escolares após o recesso das Saturnais.

Assim, os epigramas 80 e – sobretudo – 84, que trazem referências às Saturnais e são colocados, na arquitetura do volume, nas suas posições finais, chamam a atenção para a importância do elemento saturnalício na estrutura geral do Livro V, seja quantitativamente (presença em 11 peças), seja pela própria relação com a época de publicação do volume.

4. ALGUMAS CONCLUSÕES

Como é praxe em todos os 15 volumes de Marcial, os epigramas iniciais do Livro V fazem a dedicatória expressa da obra a um ou mais indivíduos, que, no caso, são o imperador ou certos intermediários que dão acesso a ele (1-2, 5-6 e 15). Também como em outros livros, ocupam igualmente posições iniciais de destaque, ainda que sem a função dedicatória, epigramas de encômio ao soberano (3, 7 e 8) ou a outros patronos (10-12). As mesmas observações valem para as posições finais: 71 e 78 (encômios, embora não ao *princeps*) e 80 (dedicatória do volume). Epigramas programáticos, com importante conteúdo metapoético, também ocorrem em ambas as posições (2, 5 e 15; 80). Por fim, o epigrama 42, na metade matemática do livro, aborda tema de grande importância na carreira e na poesia de Marcial, a amizade.

O princípio geral e preponderante a guiar o arranjo dos epigramas no livro é a *uariatio*, como ocorre, aliás, em todos os volumes de I a XII. Ela se manifesta no tema, na extensão, no metro e mesmo quanto ao amigo ou patrono a quem o poeta se dirige, sempre com o propósito de evitar uma leitura monótona e cansativa:

⁴² Marcial fala tanto em cinco dias (*Apoph.* 79 e 142; VII.53) quanto em sete (*Apoph.* 72), o que reflete certa variabilidade em sua época na maneira de celebrar a festa.

- a) *uariatio* no tema: epigramas com a mesma temática não costumam vir em sequência ao longo do volume, ainda que a inserção de algumas peças entre eles ainda os mantenha, por vezes, próximos. Pudemos perceber esse tipo de variação no ciclo contra indivíduos que desrespeitavam *a lex Roscia Theatralis* (8, 14, 23, 25, 27, 35, 38, 41), mas o mesmo pode ser observado nos epigramas contra caçadores de herança (37 e 39) ou de jantares (44, 47 e 50), contra mulheres feias (29, 43 e 45), novos-ricos (13 e 79), efeminados (41 e 61) e patronos ingratos ou avarentos (16, 18, 19, 22, 36, 81, 82, 84). Nota-se o mesmo, ainda, nas três peças centradas na temática do *carpe diem* (20, 58 e 64) e nas quatro de amor pederástico (46, 48, 55, 83), todas cuidadosamente distanciadas no desenho do livro. Citem-se ainda os dois epigramas de tema fúnebre, já comentados, sobre a morte da escrava Erócion (34 e 37), e os dois poemas que comentam distantes fatos da história romana (69, sobre a morte de Cícero ordenada por Marco Antônio, e 74, sobre Pompeu Magno).
- b) *uariatio* no metro: sendo o número de epigramas em dísticos elegíacos (58) muito maior que o daqueles compostos em hendecassílabos falécios (16) e trímetros iâmbicos escazontes (10), o elegíaco, mais abundante, ocorrerá, forçosamente, em epigramas em sequência.⁴³ No entanto, o número máximo de peças em sequências desse tipo é nove e, ainda assim, ocorrendo no livro uma única vez (61-69).⁴⁴ Há uma série de seis epigramas (29-34) e duas de quatro (45-48 e 74-77); as demais não ultrapassam três poemas.⁴⁵ Mais comum no livro é, ao contrário, a alternância de um epigrama em elegíacos com um epigrama em outro metro, o que se dá nas seguintes sequências: 1-9, 11-15, 18-21, 23-29, 34-42, 48-52, 53-57, 59-62, 69-71, 72-74 e 77-81. Por duas vezes, como se vê, a alternância perfeita se mantém por nove poemas: 1-9 e 34-42.
- c) *uariatio* na extensão: apenas uma única vez três epigramas com o mesmo número de versos ocorrem sequencialmente (50-52, com oito versos). Há dois epigramas de mesma extensão em sequência nove vezes. Em todo o restante do livro, há plena alternância.
- d) *uariatio* quanto ao homenageado: quando o poeta homenageia ou se dirige a um amigo ou patrono em mais de um epigrama, essas peças raramente ocorrem juntas no livro. Depois do poema dedicado a Sexto (5), o poeta só volta se dirigir a ele em V.38, em que o liberto é o interlocutor escolhido para um comentário maldoso a respeito de uma terceira pessoa, Calístrato, um falso cavaleiro; Régulo é o destinatário da mensagem metapoética de V.10, só sendo de novo eleito como interlocutor em V.21 (é mencionado ainda, em terceira pessoa, em 28 e 63); a Severo o poeta se dirige em V.11 (para tecer o elogio do anel de Estela), voltando a fazê-lo apenas no final da recolha, no epigrama de dedicação do livro a Severo e a Segundo (V.80); Faustino é o interlocutor do poeta

⁴³ Essas afirmações valem para qualquer um dos livros I-XII de Marcial, pois, como mostrou Citroni (2004, p. 142), há, em todos eles, a mesma hierarquia numérica entre os três metros referidos: uma maioria de poemas em dísticos elegíacos, uma *presença consistente* de poemas em hendecassílabos falécios e alguns epigramas em colímbos, cujo número é sempre muito inferior ao de hendecassílabos.

⁴⁴ No conjunto dos livros I-XII, o recorde será de dez epigramas em dísticos elegíacos em sequência (Wolff, 2008, p. 98).

⁴⁵ Por outro lado, jamais ocorrem seguidos, nesse livro, dois epigramas em hendecassílabos falécios ou dois em escazontes, assim como não ocorre um epigrama em falécios seguido de um em escazontes.

em duas invectivas contra terceiros, sendo agraciado, depois, com uma homenagem mais direta (32, 36 e 71, respectivamente); por fim, os dois epigramas dirigidos a Rufo para atacar terceiros são também separados por uma considerável distância (51 e 72).

Mas, por vezes, o arranjo em sequência de vários poemas com um mesmo tema ou finalidade pode servir a determinados efeitos, como a série “cesarina” 1-15,⁴⁶ que visa à intensificação da homenagem ao *princeps* e enfatiza a proposta do livro de ser uma obra isenta das costumeiras licenciosidades, inadequadas à seriedade da figura de Domiciano.

Da mesma forma, a disposição lado a lado (ou muito próxima) de dois poemas pode convidar a uma leitura conjunta ou a se perceberem certas relações de igualdade ou contraste entre eles, como vimos nos pares 11 e 12, 15 e 16, 18 e 19, 20 e 22, 34 e 37, 64 e 65, 78 e 79.

Por fim, observa-se, no Livro V, o gosto do poeta por fazer brincadeiras metalinguísticas com o final físico do volume, como, no caso, a sutil analogia, em V.84, entre o fim do período festivo que é o adequado para a leitura do tipo de poesia ali contida – as Saturnais (cf. V.30) – e o fim do próprio Livro V, que se dá exatamente no epigrama em que se fazem essas analogias, o 84, que é o último do volume.

REFERÊNCIAS

CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2004.

CESILA, R. T. Saturnais: uma época para ler Marcial. *Phaos*, v. 5, p. 13-19, 2005.

CESILA, R. T. *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bîlbilis*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

CESILA, R. T. *Volumina, tabellae, codices: contribuições da poesia de Marcial para a bibliologia. O quê as Letras têm? Caderno de Atividades Acadêmico-Científico-Cultural*, n. 1, p. 1-23, 2014.

CESILA, R. T. *Epigrama: Catulo e Marcial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

CITRONI, M. M. *Valerii Martialis Epigrammaton Liber I*. Introduzione, testo, apparato critico e commento a cura di M. Citroni. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1975.

CITRONI, M. Martial, Pline le Jeune, et l'identité du genre de l'épigramme latine. *Dictynna [on-line]*, n. 1, p. 125-53, 2004. Disponível em <<http://dictynna.revues.org/172>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

CONTE, G. B. *The rhetoric of imitation: genre and poetic memory in Virgil and other latin poets*. Edited and with a foreword by Charles Segal. Ithaca; London: Cornell University Press, 1986.

⁴⁶ Excetuados, como vimos, os epigramas 4, 9 e 13.

FUSI, A. M. *Valerii Martialis. Epigrammaton liber tertius*. Hildesheim; Zúrique; New York: Georg Olms, 2006.

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. (Ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

HOWELL, P. *Martial. The Epigrams Book V*. Oxford: Aris & Phillips, 1995.

PIMENTEL, C. S.; LEÃO, D. F.; BRANDÃO, J. L.; FERREIRA, P. S. *Marcial. Epigramas*. Tradução de D. F. Leão (*Livro dos Espetáculos*, livros IV, VII, XI e XIII), J. L. Brandão (livros I, II, VI, IX e XII) e P. S. Ferreira (livros III, V, VIII, X e XIV); introdução e notas de C. S. Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000 (v. I-II), 2001 (v. III) e 2004 (v. IV).

SHACKLETON BAILEY, D. R. *Martial. Epigrams*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1993. (Loeb Classical Library).

SUETONIUS. *The Lives of the Caesars*. With an English translation by J. C. Rolfe. 2 vol. London: William Heinemann; New York: Macmillan, 1914.

WOLFF, É. *Martial ou l'apogée de l'épigramme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

Recebido em: 30/08/2017

Aprovado em: 20/11/2017